



Souza, Gurgel, Andrade (2019) expõem as potencialidades da conversa a partir de uma pesquisa realizada com jovens em espaço formal de ensino. O texto traz a dimensão da conversa como metodologia e também como prática pedagógica. Essa última perspectiva – a conversa como prática pedagógica - utilizada em um pré-vestibular comunitário em que desenvolveu uma *aulaconversa* de História problematizando a linha do tempo com as experiências e histórias pessoais de cada estudante.

Nas investigações realizadas na escola utilizei a conversa como procedimento metodológico. E quando afirmo que utilizei como procedimento não estou aqui referindo-me (ou reduzindo) a técnicas contidas em uma metodologia até porque a conversa como metodologia é uma opção teórico-metodológica vinculada ao campo dos estudos e pesquisas *com os cotidianos* (RIBEIRO *et all*, 2018). A pesquisa desenvolvida por mim não se vincula a esse campo, contudo estando *no* cotidiano escolar não foi difícil encontrar o meu caminho de pesquisa inspirando-me nessa metodologia e apoiada nesses autores dela me aproximei entendendo que a conversa “não é uma ferramenta de coleta de dados”. Entendendo também que a conversa como metodologia amplia e valoriza toda a diversidade presente na escola possibilitando o *aprenderensinar* dos participantes da pesquisa.

Para Lüdke e André (2013) a entrevista é um recurso presente em pesquisas de abordagem qualitativa nos trabalhos acadêmicos no campo das ciências sociais. As autoras ao referirem-se às entrevistas “não totalmente estruturadas” em que não se verifique “uma ordem rígida de questões”, destacam que é possível ao entrevistado discorrer sobre o tema no qual as informações (objeto da pesquisa) se apresentam naturalmente. Para isso, é importante o caráter de interação entre entrevistado e entrevistador em uma “atmosfera de influência recíproca”.

Convivendo *no* cotidiano escolar e sendo atravessada pelas possibilidades desse cotidiano vivo amparei-me, inicialmente, na conversa como metodologia, até porque os primeiros encontros se deram a partir de rodas de conversas com a finalidade de trocar experiências de projetos desenvolvidos em turmas de 4º e 5º anos.

Nos encontros que se seguiram, a conversa foi naturalmente estabelecendo-se como um recurso na prática investigativa. Mais a frente, quase no final da pesquisa, por recomendação da banca de qualificação, foi proposta a entrevista semiestruturada com o fim de formar um perfil dos participantes da pesquisa.

### **Entrevista ou Conversa: que caminho seguir?**

Começo dizendo que ambos os momentos - conversando ou entrevistando – foram marcados por interação, respeito e porque não dizer, de afeto. Houve inclusive um período em que me vi impossibilitada de ir até a escola por motivos de saúde e as professoras, generosamente, vieram até mim evitando assim que as investigações cessassem. Ao longo de seis meses acompanhei parte da rotina escolar por meio desses encontros pontuados de boas e reveladoras conversas. Ainda que eu consultasse as notas das conversas anteriores para

organizar uma pauta, a conversa se espalhava e se retraía em um movimento contínuo, por vezes, sem controle, seguindo para muitos lados e possibilidades interpretativas, mas que permitia “caçar a laço” (CERTEAU, 1994) e entender como aqueles momentos se configuravam a partir das relações entre as pessoas que compunham o grupo e eu me sentia parte dele. Foi possível captar a realidade narrada por elas, as tensões, dúvidas e percepções acerca do cenário político educacional do município e, mais especificamente sobre as práticas avaliativas realizadas no cotidiano escolar. Falávamos de nossas questões pessoais, inquietações, inseguranças; partilhávamos leituras sobre avaliação, receitas de comidas, técnicas terapêuticas, meditação, experiências docentes, capítulos de séries e novelas. Sobre essa conversa que flui Ribeiro, Sampaio, Souza (2018) consideram que “conversamos cotidianamente de múltiplas maneiras”. E conversando era possível seguir os fios das conversas e assim eu ia compreendendo os efeitos e as implicações das provas padronizadas no espaço escolar.

Nesse ambiente de convívio foi surpresa encontrar a resistência das professoras quando propus gravar uma entrevista. Após vários adiamentos uma conversa no refeitório revelou o motivo da recusa implícita. Meses antes as professoras tinham concedido entrevistas destinadas a um livro, fruto de um projeto de extensão realizado por uma universidade no ano anterior. A satisfação e alegria de uma publicação contendo todo o trabalho em cooperação entre as docentes e os integrantes do projeto misturou-se a certo incômodo diante de suas falas fielmente reproduzidas incluindo alguns vícios de linguagem, o que na percepção de uma delas poderia comprometer a qualidade do texto discursivo e profissional. A partir daí, formalizamos um compromisso de que os depoimentos gravados seriam transcritos e posteriormente colocados em apreciação pelas professoras. Nem precisa dizer que a entrevista virou conversa.

Conversar ou entrevistar são percursos associados aos referenciais teóricos sendo importante ao pesquisador coerência epistemológica e estar atento aos caminhos percorridos durante a pesquisa, pois eles são imprevisíveis e vão requerer sensibilidade para transitar nesse labirinto “admiravelmente emaranhado”. (CORAZZA, 2002).

Palavras-chave: conversas, entrevistas, metodologia.

## Referências

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994

CORAZZA, S. M. **Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos**. In: COSTA, M. V. (org). Caminhos Investigativos: novos olhares na pesquisa em educação. RJ: DP&A, 2002, p. 105-132

LUDKE, M.; ANDRÉ. M. E.D.A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. RJ: EPU, 2013

RIBEIRO, T.; SAMPAIO, C.S; SOUZA, R. de. **Conversa como metodologia de pesquisa: uma metodologia menor?** In: Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?

RIBEIRO, T; SAMPAIO, C.S.; SOUZA, R. de (orgs). RJ: Ayvu, 2018. p. 21-40

SOUZA, B.; GURGEL, J.; ANDRADE, N. **Com as Juventudes: conversas como Metodologia de pesquisa e uma aula como conversa**. Salvador, BA: XV ENECULT, 01-03 ago. 2019

SÜSSEKIND, M. L.; PELEGRINI, R. **Os ventos do norte não movem moinhos**. In: *Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?* RIBEIRO, T; SAMPAIO, C.S.; SOUZA, R. de (orgs). RJ: Ayvu, 2018. p. 163-180